

Aconselhamento Psicológico numa Perspectiva Fenomenológica Existencial
Henriette Tognelli Penha Morato
Guanabara Koogan

Cap. 9 “Atenção Psicológica em Instituição: Plantão Psicológico como Cartografia Clínica”

Alguns pontos de reflexão:

O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA FEBEM

“Dois lados do mundo... A FEBEM era quase que um outro mundo que precisaria ser desvendado. Na busca de algo para nos sustentar e proteger, tínhamos como objetivo primeiro encontrar a referência de nosso olhar em nos mesmos, parecendo atentos a cada uma de nossas sensações, formando como que uma rede de cuidado. E assim poder olhar para fora, caminhar, estranhar, surpreender-nos, percorrer cada vestígio, investigar...”

“Em um lugar de vigilância e controle, con-vivendo a exclusão confinada de um estrangeiro, propusemos a inclusão de um espaço em que adolescentes e funcionários pudessem refletir sobre suas experiências sem a ameaça de relatórios, denúncias, críticas ou juízos de valor. Nosso sigilo e constância construíram a confiança necessária para a aproximação de adolescentes e funcionários, para que coisas pudessem ser ditas, regras pudessem ser contestadas. Era o momento em que ator instituído podia dar espaço ao sujeito que pensa, sonha, ama, odeia...”

Fala de um garoto: “Eu não posso ser do jeito que eu sou... eu me obrigo a esquecer um monte de coisas para sobreviver!” E ele disse que, enquanto está conversando com alguma de nós, aproveita o momento para esvaziar, para ouvir coisas diferentes, sentir-se ele mesmo... acha fundamental ter esse espaço e apoderar-se dele para que não perca o sentido das coisas... sentido do mundo lá fora... do mundão!

O Plantão se tornava um tempo para lembrar num espaço que obrigava a todos “esquecer um monte de coisas para sobreviver”. A Febem escancarava a não

privacidade e o aprisionamento do sujeito em nome da sobrevivência de um ator institucinal. Clinicar em tal contexto era também cuidar do privado no espaço público.

Os funcionários trabalhavam em turnos, e os adolescentes poderiam ser transferidos ou libertados. Nem sempre encontraríamos os mesmos personagens do dia anterior. Essa não possibilidade de um outro encontro fazia dos encontros no plantão momentos únicos para clinicar, encerrados naquele mesmo dia. Dessa forma, cada novo/outro encontro revelava uma clínica ampliada criando outras formas de compromisso, desmistificando para nós a questão do vínculo da clínica tradicional.

A confiança e constância de nosso trabalho tornavam toda a equipe como referência de cuidado, na qual o vínculo poderia existir. E o plantão mostrava como a possibilidade do privado (intimidade) podia ser respeitada no espaço público. (Ex. do Tabuada que perdera o pai).

Uma situação ocorrida no plantão:

Um menino chegou e puxou papo, dizendo que já estava cansado de ficar ali, que estava ficando muito triste, não sabia o que fazer para a tristeza passar. Eu perguntei quais eram os planos dele para quando ele saísse e ele disse que queria estudar e sair dessa vida. Perguntei o que ele exatamente pensava em fazer e ele disse que queria trabalhar em qualquer coisa (“pobre não escolhe não, senhora”). Perguntei se ele achava que voltaria a roubar, e ele disse que se tivesse necessidade novamente roubaria. Discutimos que necessidade era essa (de ter um tênis bom, de marca), e eu fui jogando com o que ele estava me dizendo, e ele se contradizia, e reclamava que não sabia responder até que me disse: “A senhora está me dando uma surra nas idéias!”

Se essa fala, carregada e repetitiva era uma maneira de alojar-se, o plantão pretendia dar uma “surra nas idéias”: o desalojamento para que, voltando a essa falação, o fizesse com mais propriedade e autenticação, abrindo outras possibilidades de escolhas, um olhar mais ampliado de si e do mundo onde vive e/ou trabalha. Dessa forma, a surra nas idéias é o desencontro momentâneo com a idéia instituída, que não precisa ser compreendida, propondo-se como instrumento para a emergência de um dizer próprio, escancarando sofrimento e desamparo da tamanha ausência de si por um tal pensar instituído.

Pontos importantes do texto:

Sobre a cartografia

O movimento do cartógrafo é de entregar para descobrir e inventar, não pretende estabelecer verdade, vive buscando alimentos para compor cartografias, descobrir afetos e criar linguagem em redes de expressões mescladas, que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. E, num tear constante da reflexividade de nosso olhar com muitos outros, a instituição se desvela em cada gesto, em cada palavra, em cada sensação de incômodo ou constrangimento.

Nesse sentido, a prática psicológica em instituições demanda não se iniciar por uma cartografia, mas manter-se cartógrafos e, ao mesmo tempo em que inventa territórios, amplia seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional e, em geral, ocupando nela um lugar gerencial, abrindo brechas para que essa queixa primeira emergja por entre todos que constituem e são constituídos pela organização social , fazendo-se urgência demandatória de cada sujeito social.

Sobre o supervisor de campo

O supervisor de campo é alguém com mais experiência na instituição e não apenas na prática, para que possa não apenas estar inserido na situação da prática psicológica em instituição, mas principalmente e prioritariamente debruçado aos profissionais que nela atuam, no caso da prática explicitada no texto, os chamados plantonistas. Transitando entre os diversos atores institucionais, ele articula seu fazer pelos olhos atentos numa visão ampliada, oferecendo-se como cuidador de cuidadores.